

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Sampaio, Theodoro. 1897. A nação Guayanã da Capitania de São Vicente. *Revista do Museu Paulista*, vol. II, p. 115-128. São Paulo: Typ. a Vapor de Hennes Irmãos.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/sampaio_1897_guayana

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente trabalho, extraído de volume disponível através do [Internet Archive](#), foi disponibilizado pela equipe da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em fevereiro de 2010.

REVISTA

DO

MUSEU PAULISTA

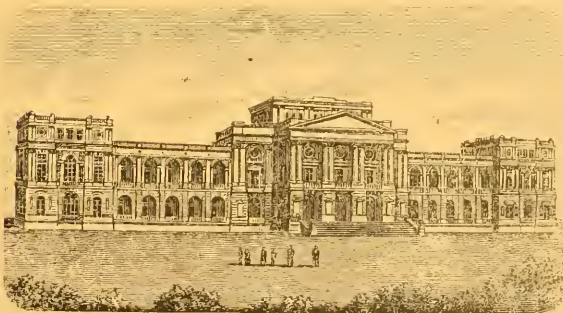
PUBLICADA

POR

H. von IHERING, Dr. med. et phil.

Director do Museu Paulista, socio honorario da Sociedade anthropologica Italiana,
da Academia de ciencias em Cordoba,
da Sociedade geographica de Bremen, da Sociedade anthropologica de Berlim,
da Academia de ciencias em Philadelphia, da Sociedade dos Naturalistas
em Moscow, da Sociedade entomologica
de Berlim, do Museu ethnologico em Leipzig e da Sociedade scientifica do Chile

VOL. II.



S. PAULO

TYP. A VAPOR DE HENNIES IRMÃOS, RUA CAIXA D'AGUA, 1 C

1897

A nação Guayanã

DA CAPITANIA DE SÃO VICENTE

POR

Theodoro Sampaio

Entre as questões não resolvidas da Historia Nacional, não é, por certo, das menos interessantes, essa da nação Guayanã, a sua lingua e o seu *habitat*.

Para quantos estudam as cousas patrias, e se enlevam na contemplação dos grandes feitos que, com o perpassar dos seculos, se vão transfigurando sob a acção da legenda, certo, não terá passado despercebido esse ponto obscuro da historia do Christianismo nascente nos campos de Piratininga.

O barbaro que primeiro ouviu dos labios de Anchieta, de Manoel de Paiva, de Leonardo Nunes a palavra do Evangelho, o catechumeno de S. Paulo de Piratininga era, com effeito, da nação Guayanã? Tibireçá, Cayobiy, Araguaçú, Tamandiba eram chefes Guayanãs? A lingua falada pelo genção de Piratininga era por ventura um dialecto da lingua geral?

Os chronistas e historiadores que deste assumpto se occuparam são obscuros e, por vezes, até contradictorios.

Os mais antigos, excepção feita de Gabriel Soares, são de um laconismo desesperador quando enveredam pelas questões de ethnographia. Os do seculo XVIII como Pedro Taques e Frei Gaspar da Madre Deus, já sob a influencia da tradição legendaria, não inspiram a mesma confiança. Frei Gaspar conta-nos historias taes que

um illustre critico, dos mais competentes entre nós, não trepidou em taxal-as de *ridiculamente falsas*. (1)

Mas de serem falsas « as historias inventadas por Frei Gaspar da Madre Deus em que entram João Ramalho, Martim Affonso e Tibirecá » (2) não se segue que nos campos de Piratininga não existissem Guayanãs, nem que estes só nestes campos penetraram em estado de guerra ou como prisioneiros, como opina o illustre critico.

Que relativamente ao parentesco ethnographico dos Guayanãs de Piratininga existem duvidas, já o expoz no seu estudo o redactor desta Revista Dr. H. von Ihering vol. I p. 110. Sou, porém, ao contrario de seu critico fluminense da opinião sustentada pelo Dr. v. Ihering de que os Guayanãs pertencem ao grupo dos povos tupy-guarany.

E' facto que, quanto á nacionalidade do gentio de Piratininga, nenhum dos antigos historiadores ou chronicistas é assás explicito, mas dizem o bastante para se fixar o *habitat* da nação Guayanã.

Gabriel Soares, guia de quantos depois escreveram sobre os primitivos povoadores da terra do Brazil, dá-nos os Guayanãs como habitando os campos da Capitania de S. Vicente. Fixando-lhes o territorio no trecho da costa entre Angra dos Reis e Cananéa, onde confinavam ao norte com os Tamoyos e ao sul com os Carijós, ajunta a proposito o autor do Roteiro: « não são os Goia-nazes maliciosos, nem refalsados, antes simples e bem acondicionados, e facilimos de crer em qualquer cousa..... Não costuma este gentio fazer guerra a seus contrarios fóra dos seus limites, nem os vão buscar nas

(1) Capistrano de Abreu. Estudo critico a proposito do 1.º volume da Revista do Museu Paulista, publicado na Gazeta de Noticias do Rio de Janeiro de 2 de Maio de 1896.

(2) Idem, l. c.

suas vivendas, porque não sabem pelejar entre o matto, se *não no campo, aonde vivem* » (1)

Para o autor do Roteiro a nação campesina dos Guayanãs até fugia de batalhar no matto onde a sua dextresa no manejo do arco e da flecha era excedida pela do Tamoyo, seu inimigo irreconciliavel. E vivendo no campo, o Guayanã não construa aldeia com casas arrumadas, como os Tamoyos seus visinhos; « *mas em covas pelo campo, onde tem fogo de noite e de dia, e fazem suas camas de rama e pelles de alimarias que matam* ». (2)

Portanto, segundo Gabriel Soares, a nação Guayanã occupava o territorio maior da Capitania de S. Vicente, e habitava a região dos campos.

Antes do autor do Roteiro, já Hans Staden em 1556 assignalava esta nação entre o gentio de S. Vicente e dava-lhe o nome de Wayganná.

Antonio Knivet em 1595, tendo vivido algum tempo no Brazil desde a expedição de Thomaz Cavendish, narando as suas *admiraveis aventuras* (3) fala-nos dos Waynasses ou Vaanasses, habitadores da Ilha Grande, do reconcavo de Paraty, que elle nos descreve como um povo de baixa estatura, muito barrigudo, pés chatos, muito covarde, e de regular compleição. Não matava ou mutilava o corpo, nem se gloriava tanto como os Tamoyos, os Tomiminós e outros canibaes de comer carne humana. As suas mulheres erão corpulentas e mui disformes porém de bello semblante. Estas pintavam-se no corpo e faces com a tinta do *urucú*. Os cabellos nos homens como nas mulheres cahiam-lhes compridos pelos hombros, mas no alto da cabeça cortavão-n'os em corôa como os Frades Franciscanos. « Dormiam esses canibaes,

(1) Roteiro do Brazil, ou Tratado descriptivo do Brazil em 1587 por Gabriel Soares de Sousa, Edição de 1851, pag. 100.

(2) Roteiro, l. c.

(3) The admirable adventures and strange fortunes of Master Antonie Knivet... Purchas, London, 1625.

diz o mesmo Knivet, em redes feitas de cascas de arvore, assim tambem quando viajavam pelos sertões, tudo quanto possuiam transportavam ás costas em pequenas redes ».

Essa descripção do viajante inglez em alguma coisa differe essencialmente da do autor do Roteiro, o qual nos pinta o Guayanã como gente de pouco trabalho, muito mollar, inimiga de carne humana, vivendo só da caça, da pesca e dos fructos silvestres; não matava os seus prisioneiros, mas conservava-os escravos; na cor e proporção do corpo era como o Tamoyo.

Aqui se vê que o Guayanã da descripção de Gabriel Soares, o Guayanã do campo, quanto a constituição physica, não differe do Tamoyo que era grande de corpo e mui robusto, mas o Guayanã do littoral, segundo Knivet, já é bem diverso: estatura pequena, barrigudo, pés grandes ou chatos e muito covarde.

E' de suppor que esse Guayanã do littoral seja do mesmo typo daquelle que Martin Affonso de Sousa encontrara senhoreando a ilha de S. Vicente, gentio que deu pouco trabalho por ser pouco bellicoso e facil de contentar. (1)

Essas differenças de constituição physica nas tribus indianas, ainda que consideradas da mesma nacionalidade, são aliás explicaveis, pois não faltam razões de clima, habitabilidade, crusamentos repetidos com os prisioneiros tomados em guerra, e guardados como escravos, para as demonstrar.

Demais, nesse trecho da costa e região interior correspondente, onde dominavam os Guayanãs, não penetravam tão sómente Tamoyos e Carijós como visiuhos habitualmente em guerra, varias tribus dispersas se contavam, ou crusando o territorio levando uma vida nomada, ou situando-se em pontos escusos evitando cautelosamente a lucta.

Antonio Knivet fala-nos em *Tupinaquis* que habita-

(1) Gabriel Soares, Roteiro do Brazil, p. 96, Edição de 1851.

vam em S. Vicente. O Chronista Simão de Vasconcellos assignala a presença de *Tupis* para os lados de Cananéa, (1) e fala-nos tambem de *Tupinaquis* (2), mui provavelmente senhores da região entre Itanhaem e o valle de Iguape; descreve nos os *Maramimis* ou *Guaramomis* de lingua differente da *geral* situados para além da Bertioga, na costa entre S. Sebastião e S. Vicente (3); dá-nos *Tamoyos* como habitadores do valle superior do Parahyba (4), *Tupis* do sertão confederados para atacar Piratininga (5). João de Lery assignala os *Tonaire* para aquem dos *Carijós* (6). Os camaristas da villa de S. Paulo de Piratininga, em 1565, em representação dirigida a Estacio de Sá queixando-se de duas nações gentias que sempre viviam em hostilidade com os colonos, diziam: « E esta Capitania de S. Vicente está entre duas gerações de gentes de varias qualidades e força que ha em toda a costa do Brazil, como são os *Tamoyos* e *Tupininquins*, e dos *Tupininquins* ha quinze annos a esta parte que sempre matam no sertão homens brancos ... » (7)

Em 1585 as camaras de Santos, S. Vicente, e S. Paulo pedem a Jeronymo Leitão para fazer a guerra aos *Carijós* e *Tupininquins* porque a terra estava muito pobre, não tinha escravaria (8).

Em 1590 a camara municipal de S. Paulo manda fazer fortificações no lugar *Emboaçaba* para se defender contra os ataques dos *Tupinaes* e *Tupininquins*, (9) que

(1) P.^o Simão de Vasconcellos, Chronica da Comp.^a de Jesú no Estado do Brazil, Liv. I. p. 98.

(2) P.^o Simão de Vasconcellos, Chronica, Liv. I. p. 102.

(3) P.^o Simão de Vasconcellos, Vida do P.^o Joseph de Anchieta, Liv. I., Cap. IV, p. 23. O P.^o Pero Rodrigues descreve os mesmos indios na Biographia que escreveu do P.^o José de Anchieta, ainda manuscrita (1607), anterior a Vasconcellos.

(4) P.^o Simão de Vasconcellos, Chronica, Livro II, p. 157.

(5) Idem, idem, p. Liv. II. p. 181.

(6) Lery, Histoire d'un voyage, Cap. XX. Edição Gaffavrel, II, 130.

(7) Archivo da Camara de S. Paulo, Liv. de Vereanças, tit. 1565, em Azevedo Marques.

(8) Azevedo Marques, citando Archivo da Camara de S. Paulo. Liv. de Vereanças, tit. 1585, pag. 219.

(9) Idem.

poucos mezes depois investiram contra a villa e nos seus arredores queimaram a egreja de N.^a S.^a do Rosario dos Pinheiros.

Esses *Tupinaes* e *Tupiniquins* habitavam para os lados dos Carijós com quem ás vezes se alliavam, mui provavelmente para a ribeira de Iguape—cujas cabeceiras mais septentrionaes davam passagem para os campos de Piratininga; isto é, pelo valle do Juquiá e S. Lourenço esses indios transpunham a serra do Mar junto as nascentes do Mboyguassú, desciam pelo valle deste rio até *Ibirapuera* (Santo Amaro) e pelas varzeas do Rio de Pinheiros e campos visinhos atacavam a villa de S. Paulo do lado do Caaguassú. As fortificações de *Emboiçaba* deviam ficar nessas visinhanças.

Vê-se, portanto, do testemunho dos viajantes, historiadores e até dos archivos das camaras municipaes da Capitania de S. Vicente que nada menos de cinco nações gentias a habitaram no primeiro seculo do descobrimento: Guayanãs, Tupis, Tupinaês, Tupiniquis, Maramomis, não fallando já dos Tamoyos do valle superior do Parahyba.

Destas nações, a dos Guayanãs, certamente, occupava o littoral visinho de S. Vicente, como dominava nos campos de Piratininga que o chronista Vasconcellos chamou Campos Eliseos da gentilidade. A este respeito, o testemunho de Gabriel Soares é de um valor incontestavel. E quando isso não fosse, basta ler o Padre José de Anchieta, na sua informação do casamento dos indios. O trecho dessa informação que passamos a transcrever é de grande valor para o caso: « Em Piratininga, da Capitania de S. Vicente, *Cuy obiy*, velho de muitos annos, deixou uma (mulher) de sua nação, tambem muito velha, da qual tinha um filho, homem muito principal e muitas filhas casadas, segundo seu modo, com indios principaes de toda a aldêa de Jeribãtiba, com muitos netos, e sem embargo disso casou com

outra que era *Guayanã das do mato*, sua escrava tomada em guerra, a qual tinha por mulher » (1)

Da expressão =*Guayanã das do mato* = se infere em boa logica que havia tambem em Piratininga o *Guayanã do campo*, o mesmo que o autor do Roteiro nos descreveu, e que talvez fosse da mesma nação do velho *Cay Obiy*.

No mesmo sentido parece-me que se deve interpretar o seguinte trecho da Chronica da Companhia de Jesus do Padre Simão de Vasconcellos: « Não tinham passado muitos dias, quando indo estes mesmos (indios de Piratininga) á guerra, tomaram nella um *Goayanã contrario*; ... » (2)

Comquanto, na totalidade, não fossem Guayanãs os indios que os Padres Jesuitas catechisavam em Piratininga, para onde, segundo Vasconcellos, desceram tantos indios de seus sertões que não cabiam já em a aldêa, mui provavel é que o fossem em sua maioria, como a nação mais consideravel de quantas então habitavam o districto da Capitania de S. Vicente (3), e dominavam nos campos. E' possivel que esses indios, repartidos em pequenas tribus, não obstante sua indole pacifica, se guerreassem, por vezes, entre si e que os destroçados ou vencidos se refugiassem nas mattas até a occasião propicia da desforra. D'ahi provavelmente os Guayanãs do campo e os Guayanãs do mato. Por isso, Azevedo Marques que estudou o Archivo da Camara de S. Paulo, firmado em dados que ahi colhera, nos dá o Guayanã como alliado aos Tupis e Carijós no primeiro ataque á villa de Piratininga em 1562.

Entretanto, parece fóra de duvida que os Guayanãs, no primeiro seculo que se seguio ao descobrimento e colonisação, dominaram em Piratininga, ou, pelo menos, foram ahi o gentio mais numeroso.

(1) P.^o José de Anchieta, Informação do casamento dos Indios, na Revista do Instituto Hist. vol. VIII, pag. 255.

(2) Chronica da Comp.^a de Jesus, Livro II. pag. 110.

(3) Idem, idem, Livro I. p. 41.

Azevedo Marques diz ter encontrado no Cartorio da Provedoria da Fazenda de S. Paulo, o titulo de uma sesmaria de tres leguas na paragem chamada Carapichyba, concedida por Jeronymo Leitão aos indios *Guayanãs, oriundos de Piratininga*. (1)

O mesmo autor, apoiando-se em Pedro Taques, dá-nos a cidade de *Taubaté* como tendo sido em sua origem uma aldêa de indios Guayanãs, emigrados de Piratininga. (2)

Temos para nós que o *habitat* dos Guayanãs da Capitania de S. Vicente foram os campos de Piratininga, e que desses indios, já por motivo de guerra, já por necessidades do viver se encontravam tribus dispersas no beiramar, ou nas mattas do sertão. Neste ponto parecem-me mais accordes os chronistas e historiadores.

Quanto á lingua, porém, a divergencia de opiniões é mais sensível.

Na côr e proporção do corpo era o Guayanã como o Tamoyo, diz-nos Gabriel Soares, e como o mais gentio da costa tinha muitas gentilidades, mas a sua lingua éra differente. O Padre Simão de Vasconcellos diz o mesmo, ainda que classificando o Guayanã entre os indios mansos, na mesma categoria do Tamoyo, Tupi, Carijô, Tupinaqui, e excluindo-o daquella outra nação generica de Tapuyas onde se comprehendiam Aymorés, Potentús, Guaitacás, Guaramomis e outros. (3)

Mas essa differença da lingua Guayanã para o tupi ou para o guarany não ia além da dialectal como, a proposito, opina o Visconde de Porto Seguro. O mesmo Gabriel Soares assim o dá a entender quando nos diz: «... a lingua deste gentio é differente da de seus vizinhos, mas entende-se com os Carijós». (4)

(1) Apontamentos, Chronologia, pag. 218.

(2) Idem, idem, 234.

(3) Vasconcellos. Chronica, Livro I. das Noticias das Cousas do Brazil, p. XC.

(4) Roteiro, pag. 100.

Ora, o *Carijó*, chamado também *indio dos Patos* porque ao sul habitava até as margens do rio deste nome, era do ramo Guarany. O Padre Gay assim, com razão, o considera. Charlevoix, relatando a viagem de D. Alvaro Cabeça de Vacca desde Santa Catharina até Assumpção do Paraguay, em 1542 diz que a expedição tomou guias e interpretes entre os guaranys antes de começar a travessia. Da narrativa dos primeiros navegadores se colhe que Caboto em 1527 tomou entre os Carijós os interpretes para a sua exploração no rio de Paraguay. Antonio Herrera refere-nos que Diogo Garcia em viagem para o rio de Soliz também tomava interpretes ou linguas no rio dos Innocentes, em S. Vicente provavelmente, onde um Bacharel Portuguez o provera de refrescos.

Mas, sendo do ramo Guarany o Carijó, e differente a sua linguagem da dos seus visinhos, como nol-o diz o autor do Roteiro (1), tão grande não era essa differença que elle *Carijó*, segundo o mesmo autor, se não pudesse contar mui particularmente entre os Tupinambás. (2)

João de Lery dá-nos o *Carijó* com a mesma linguagem dos Tupiniquis ou *Tou oup-Toupinenquin* como elle escrevia.

Vasconcellos classificou o *Carijó* na mesma geração dos Tamoyos, Tupiniquis e Tupinambás « que todos tenho, ajunta o chronista, que fazem só uma especie, ou nação especifica, posto que accidentalmente diversa, em logares e ranchos ». (3)

Já antes de Gabriel Soares e de Vasconcellos, Magalhães de Gandavo escrevera que « a lingua que usavam os indios pela costa toda é uma: ainda que em certos vocabulos differe n'algumas partes; mas não de maneira que deixem uns aos outros de entender, e isto até altura

(1) Roteiro, pag. 104.

(2) Idem, l. c.

(3) Vasconcellos, Chronica, Livro I das Noticias das Cousas do Brazil.

de 27 grãos, que ahi por diante ha outra gentilidade de que nós não temos tanta noticia, que falam já outra lingua differente ». (1)

Frei Vicente do Salvador que escreveu a sua Historia do Brazil em 1626, fallando do gentio da costa, acrescenta: «... os de S. Vicente até o Rio da Prata são *Carijós*, os do Rio de Janeiro *Tamojos* . . . comtudo todos fallam uma mesma linguagem e esta aprendem os Religiosos que os doutrinam por uma arte de Grammatica que compoz o Padre Joseph de Anchieta ». (2)

Reconhece-se, portanto, que a differença linguistica entre os *Carijós* e os *Tupis* que lhes ficavam ao norte, pela costa, não era senão a dialectal, a mesma que se nota entre o *Guarany*, falado nas margens do Paraguay e a *lingua geral*, dos primitivos habitantes do littoral brasileiro.

Mas, o facto de se entenderem os *Guayanãs* com os *Carijós* leva-nos a filiar as duas nações no mesmo grupo, o *guarany*. O *Guayanã*, portanto, seria um dialecto do *Carijó*, ou melhor do *guarany*.

Assim, com razão, o entendeu o Visconde de Porto Seguro, e mais recentemente o philologo Lucien Adam, para quem o dialecto *Guayanã* foi o primeiro conhecido em virtude dos trabalhos do Padre Joseph de Anchieta. (3)

Com razão, dizemos nós, porque a não tomarmos os trabalhos de Anchieta como referentes á lingua dos Guayanãs, o gentio principal da Capitania de S. Vicente, extranho é que della não nos ficasse escripto algum quando é certo que de outros dialectos menos importantes, como esse do *Muiramomis*, se escreveram arte e

(1) Hist. da Provincia St.^a Cruz, na Revista da Inst. Hist. vol. 21, pag. 412.

(2) Hist. do Brazil por Frei Vicente do Salvador. Nos Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. XIII, Fasc. n. I. 1885—1886, pags. 24 e 25

(3) Lucien Adam, Materiaux pour servir á l'établissement d'une Grammaire Comparée des dialectes de la Famille Tupi, de la Bibliothèque Linguistique Americaine, Tom. XVIII, 1896.

vocabulario, deixando-se, ao contrario, perder a lingua do povo que, por tanto tempo e mais distinctamente, estivera em contacto com os mais emeritos catechistas.

Que a lingua *Guayanã* era um dialecto do *Guarany*, provão-no os residuos dessa lingua que a Geographia e a Historia paulista conservaram. Citemos alguns exemplos. O nome *Mboy* (cobra) de uma pequena localidade ao poente da cidade de S. Paulo é puro guarany.

O diphtongo *MB*, caracteristico desta lingua e do tupi austral ahi está patente, resistindo até hoje a *lei do menor esforço* que já entre os Tupis do Norte transformára esse vocabulo em *boia* ou *boí*, entre os Apiacás em *baja*, entre os Oyampis em *moje*. O nome *Mogy* (rio das cobras), tão frequente na geographia paulista, é ainda um vocabulo guarany, apesar da alteração porque já passou. *Mogy*, em outro tempo escripto *Boigy* é simples corruptela dos vocabulos guaranys: *mboi gy*. Os nomes *Araçariguama* (o Tucano que ha de ser), *Pacambú* (a aguada ou arroio da paca), *Pirajú*, por *Pirajura* (a guela do peixe), *Urubukeçaba* por *Urubukéreçaba* (ninho de urubus), *Mandahy* por *Comandakyra* (feijão verde) são ainda vocabulos guaranys, ou palavras affectadas dos accidentes phoneticos proprios desta lingua.

Os nomes historicos: *Cunhambeba* por *Cunhampeba*, *Abarebebé* por *Abaréuêúê* estão nos mesmos casos.

Uma objecção, entretanto, aqui tem todo o cabimento, e é que a lingua de que a Geographia paulista tão notaveis vestigios ainda guarda, sendo a dos escravos indios, pela mór parte de procedencia *Carijó* e *Tupinaqui*, lingua que por largos annos prevaleceu nesta região, não é de estranhar que taes elementos do guarany encerre.

Seria, com effeito, irrespondivel a objecção se Gabriel Soares nos não houvesse transmittido que o *Guayanã* do campo se fazia entender pelo *Carijó*, cuja boa indole compartia.

Demais, a Historia não nos diz que os Guayanãs, habitantes de Piratininga, fossem jámais em tempo

algum expulsos desses campos de cima da serra, ao contrario, com elles é que João Ramalho contrahira allianças de sangue, delles por sem duvida, como gente muito credula, muito pacifica, e amiga dos brancos é que os Padres Jesuitas obtiveram os primeiro meninos catechumenos levados para S. Vicente pelo Padre Leonardo Nunes.

Ainda mais, se julgarmos a lingua dos Guayanãs pelos poucos vocabulos que Antonio Knivet nos transmittio, certo, ainda confirmaremos o nosso modo de ver, porque as palavras : *urucú, yaudrapipe, eyiries* por *iriri, Paraty, pirá pomá ergoty* por *pirá puán repoty*, que o viajante inglez nos apresenta como da lingua dos *Wayanasses* ou *Vaanasses*, são todas da lingua tupy, ainda que um pouco alteradas, algumas dellas, pela graphia ingleza.

Que as differenças linguisticas de que nos fallam o Chronista Vasconcellos, e o autor do Roteiro não se devem tomar em sentido absoluto é cousa que se deprehende da leitura das obras citadas ; é assim que Gabriel Soares, tratando do *Guaitacé*, nol-o apresenta com lingua differente da do *Tupinaqui*, entretanto que faz o *Papaná* entender-se com este e com aquelle.

No meio dessa diversidade de linguas, apenas esboçada e jámais demonstrada, vê-se surgir sempre como traço de união uma lingua media, elo de uma cadeia que aparentemente se interrompeu. Alli no valle inferior do Parahyba, o *Guaitacé* diverge do *Tupinaqui*, mas o *Papaná* serve-lhes de mediador plastico ; aqui em S. Vicente, o *Guayanã* não se entende com o *Tamoyo* ou *Tupi*, o *Carijó*, porem apresenta-se ligando-os na mesma cadeia linguistica.

O mesmo Vasconcellos, que assignalou sem advertativas essa differença entre o *Guayanã* e a lingua geral, deixa no correr da narração bem perceber que quem catechisava, como o irmão Pero Corrêa, a *Guayanãs* em Piratininga tambem podia pregar entre *Carijós*, *Tamoyos* e *Tupinaquis*.

A estas difficuldades a que alludimos a principio, oriundas das informações incompletas dos Chronistas, historiadores e viajantes, se ajunta a confusão que o emprego do nome *Guayanã* para varias tribus da America do Sul deve ter acarretado.

O vocabulo *Guayanã*, como o escrevia Anchieta, é evidentemente tupi e deve ter sido empregado pelos desta lingua para designar um povo pacifico, ou pouco bellicoso como, de facto, o era aquelle que habitava os campos de Piratininga, gente mollar, facil de crer em tudo, não tomando iniciativa nos ataques aos seus contrarios, não matando os seus prisioneiros.

Guayanã no guarany como no tupi significa ao pé da lettra *verdadeiramente manso, bonachão*, derivado de *guaya* (manso, brando, pacifico), e *nã* (na verdade, certamente).

Vê-se que não é um nome propriamente de nação, mas um appellido, ou designação baseada em seu caracter e genio, dada pelos seus visinhos.

Neste caso, o nome *Guayanã* podia ser empregado pelas nações tupis ou guaranis para designar os visinhos mais fracos ou pacificos, fossem elles aparentados ou não, fossem da mesma nação ou de geração mui differente. Por isso, os *Guayanãs* do Salto Grande do Paraná, os do oriente do Paraguay, os do Alto Uruguay, os do rio Iguaçú, os do interior do Rio Grande do Sul (Guanaos) referidos por Gay podiam ser guaranis, não obstante a nota citada pelo mesmo autor, collhida de uma obra de 1612, onde se diz que o nome *Guayanãs* se attribuia a todos os indios, que não são guaranis, nem designados especialmente. (1) Por isso, Ruy Diaz escreve que os Tupis do Sul chamavam *Guayanã* quem não era da sua parentella e Knivet dá como tapuyas os Vaanasses de Angra dos Reis e Paraty. Pela mesma razão o P.^o João Daniel nos cita *Guayanãs* como excellentes caçadores e fura-mattos

(1) Revista do Museu Paulista, vol. I, pag. 59.

no valle do Tocantins, mas talvez da nação dos Crens ou Crans (2). Por identico motivo, pode o illustre crítico, o Snr. Capistrano de Abreu equiparar a denominação *Guayanã* do sul á de *Tapuya* na costa e á de *Neenguhiba* no Amazonas. E tambem pelo mesmo motivo, ao escrever estas linhas, encimei-as com o titulo: *A nação Guayanã da Capitania de S. Vicente*, para fugir a tanta confusão e porque penso que Piratininga foi o *habitat* desse povo, e que a sua lingua não foi mais que um dialecto do guarany.

S. Paulo, 24 de Fevereiro de 1897.



(2) Thezouro Descoberto no rio das Amazonas pelo P.^o João Daniel, na Revista do Instituto Historico, vol. III, pag. 287.